



PEDRO GADANHO

DIA 11 ENTRA
NO MOMA. FOI
ESCOLHIDO PARA
CURADOR DE
ARQUITETURA
CONTEMPORÂNEA
ENTRE CANDIDATOS
DE TODO O MUNDO

PERFIL

DOIS PORTUGUESES, DOIS GRANDES MUSEUS

O MoMA e a Tate abriram portas a Pedro Gadanho e Miguel Amado. Estados Unidos e Inglaterra são as novas moradas dos responsáveis pela construção da cultura que será consumida por milhões de visitantes

TEXTOS DE ANA SOROMENHO E CHRISTIANA MARTINS FOTOGRAFIAS DE TIAGO MIRANDA



MIGUEL AMADO
FOI O PRIMEIRO
A LANÇAR-SE
NA CURADORIA
INTERNACIONAL.
ESTÁ NO GRUPO
TATE GALLERY,
NO POLO
DA CORNUALHA

P

Pedro e Miguel admiram-se mutuamente e conhecem-se bem. Trocam opiniões sobre o complexo mundo da curadoria internacional. Pedro Gadanho é um dos homens do momento, desde que, há poucas semanas, se noticiou que o arquiteto fora escolhido para ocupar o lugar de curador da Arquitetura Contemporânea no departamento de Arquitetura e Design no MoMA em Nova Iorque. Miguel Amado, soció-

logo de formação, partiu antes. Há quase um ano foi nomeado curador da coleção de arte de um dos três polos da britânica Tate Gallery. Ambos sabem as dificuldades em abrir caminho no primeiro mundo dos museus, sem ajuda de ninguém.

Para Pedro, o ano que se estreia é cheio de promessas. Sabe exatamente como serão preenchidos os primeiros dias da sua agenda de 2012. Na próxima terça-feira, dia 10, embarca para Nova Iorque e no dia seguinte entrará com o pé direito numa das instituições mais prestigiadas do mundo. Determinou o prazo de uma semana para se instalar e decidiu aproveitar a ausência de Barry Bergdoll, o curador-chefe responsável de Arquitetura e design do MoMA com quem irá trabalhar diretamente, para conhecer a extensíssima coleção do museu: cerca de 30 mil peças armazenadas nas caves do edifício e num armazém em Queens, que incluem áreas como design, pintura, escultura, fotografia, cinema, que na sua globalidade refletem toda a cultura do sé-

culo XX. O conhecimento detalhado deste acervo é essencial para que o novo curador responsável pela arquitetura contemporânea do museu comece a trabalhar. Uma das suas funções é, precisamente, sugerir novas aquisições para a coleção do museu; a outra é ter sob a sua alçada o sector de exposições e o núcleo dos jovens arquitetos.

Mas, por agora, Pedro Gadanho não antecipa angústias. Pelo contrário, sentado numa esplanada do Chiado a gozar os últimos dias de Lisboa, não esconde uma excitação antecipada perante o que aí vem: "O que me motiva é a perspetiva de tomar conta deste programa de jovens arquitetos e viajar pelo mundo. Vou continuar a conhecer gente, alargar as minhas redes e simultaneamente vou formar a coleção e adquirir obras que determinaram a arquitetura dos anos oitenta até ao momento presente. Decidir o que fica e o que sai é uma das minhas incumbências e dá-me a sensação de grande poder".



CASA PORTUGUESA PEDRO GADANHO NA SUA CASA DA SÉ, EM LISBOA. A FAMÍLIA, MULHER E TRÊS FILHOS, SEGUIRÁ EM AGOSTO PARA NY

O contrato com o MoMA prevê três anos de trabalho, com possibilidade de renovação. Três anos onde se posicionará no duríssimo mundo da curadoria de arte internacional — "há oito curadores no museu a competir ferozmente entre si" — e terá de provar o que é capaz de produzir com o conhecimento e a originalidade que adquiriu ao longo da vasta carreira de *freelancer*.

Até ao momento, Pedro Gadanho, 43 anos, tem sido um peão solitário que acredita na força das redes. "Networking" diz ele. "O mundo social que me interessa constrói-se nas ligações e nos interesses em comum entre pares. Desde muito cedo percebi que para operar no palco internacional teria de criar a minha rede". Também desde muito cedo intuiu que a experiência de pensar e pensar a cidade é um dos laboratórios privilegiados para cruzar as várias linguagens e performances da arte contemporânea.

Licenciou-se em Arquitetura na Faculdade do Porto e rapidamente percebeu que "as condições

de trabalho para um jovem arquiteto estavam a degradar-se de tal modo que disse basta!" Candidatou-se a uma bolsa da Gulbenkian para ir para Inglaterra fazer o mestrado em Arte e Arquitetura no Kent Institute of Arts e Design. Tinha 24 anos. "Era tão diferente da forma como por cá se encarava a arquitetura que achei que não me iria servir para nada. Quando voltei comecei a

dar-me sobretudo com artistas. Surgiram oportunidade de trabalho e comecei a cultivar esse lado que me empurrou para a consultadoria e me obrigou a olhar lá para fora".

A partir daí e sempre nesta pista, entre crítica, curadoria, investigação, aulas na Faculdade de Arquitetura do Porto e as inúmeras exposições que comissariou, Pedro Gadanho foi construindo um currículo dentro e fora de Portugal. O curador escolhe dois momentos cruciais para chegar ao MoMA. O primeiro foi quando percebeu que a Bienal de Veneza poderia ser um acontecimento muito importante para a curadoria de arquitetura. "Em 2002 propus-me ir como jornalista, convenci uma revista da área a pagar-me as despesas, fui às inaugurações, fiz contactos e conheci pessoas com as quais ainda me dou. Escrevi um artigo muito importante sobre como nestas bienais se jogam as cotações dos países nos mercados contemporâneos". Dois anos depois, era o comissário da representação da ar-

**HOUVE UMA FASE
EM QUE PEDRO
GADANHO PODIA
FAZER COISAS
IMPORTANTES
E FICAVA EM CASA
A LER ROMANCES.
"NINGUÉM
ME PEDIA NADA"**



DIVIDIDO ENTRE DESTINOS MIGUEL AMADO NUMA EXPOSIÇÃO EM LISBOA. ESTÁ SEMPRE COM O PÉ ENTRE DOIS CONTINENTES



quitetura portuguesa em Veneza.

O outro passo essencial deu-o em 2008, quando teve um contacto para ir ao NAI, instituto de arquitetura holandesa, em Roterdão, onde foi falar sobre arquitetura brasileira. "A pessoa que me convidou para participar estava a trabalhar para uma editora e eu tinha um projeto para fazer uma revista. Propus-lhe e daí nasceu a 'Beyond', publicada em Amesterdão."

Por essa altura, criou um blogue escrito em inglês, precisamente por ter sentido a necessidade de se direcionar noutras latitudes. Com um sentido prático e sem romantismos, Pedro enumera e resume as coisas deste modo: "Em Portugal, do ponto de vista da curadoria, fiz tudo o que tinha a fazer": Veneza, capitais europeias da cultura (Porto 2001 e Guimarães 2012), várias edições da Experimenta Design, Serralves... "Gosto pouco de lugares cativos de comissários. Não devo fazer nunca mais a Bienal de Veneza. Acredito na rotação e o que poderia fazer em Portu-

gal que me permitisse sobreviver, como curador ou crítico, era muito reduzido. No verão passado, estava deprimido, podia fazer coisas que considerava importantes e ficava em casa a ler romances. Ninguém me pedia nada".

Guta Moura Guedes, cúmplice desde o início da Experimenta Design, acredita que Pedro Gadanho tem as características certas para o lu-

gar que vai ocupar no MoMA. "Tenho a certeza de que vai dar que falar. Tem uma visão revolucionária da arquitetura, não gosta de territórios confortáveis, nem do mainstream. Há muito tempo que se descolou do contexto nacional, é um ávido, capaz de antecipar tendências. Para um curador esta característica é muito importante".

Em março de 2011 concorreu pela primeira vez na vida a um lugar numa instituição, e iniciou um longo processo de oito meses com quatro fases. Ainda longe de prever o desfecho, cruzou-se com a curadora Isabel Carlos, diretora do Centro de Arte Moderna (CAM) e perguntou-lhe: "O que lhes devo dizer?". A resposta foi clara: "Sê tu próprio. Se te escolherem é porque é a ti que querem". Foi o que fez.

O NOSSO HOMEM NA TATE

Miguel Amado assume que ser português não lhe deu jeito nenhum. Mas se não ajudou, também não perdeu tempo a chorar por um facto irreversível. Aos 38 anos, che-

**A VIDA PESSOAL
É PENALIZADA MAS
MIGUEL SABE QUE
TEM DE FAZER
SACRIFÍCIOS.
SER PORTUGUÊS
NÃO AJUDA:
"O PAÍS NADA
ACRESCENTA"**



Três perguntas a Pedro Gadanho

1 Um curador português num museu internacional pode fazer diferença?

Quero acreditar que sim. Justamente por termos uma perspetiva histórica, longa, que é importante e reconhecida no exterior. Dá-nos uma capacidade de olhar para fora, de nos abirmos e misturarmos. Esse lado exploratório transporta-nos na nossa genética. Somos muito cosmopolitas. Além disso, no contexto arquitetónico, ser português é importante. Talvez seja um dos fatores mais relevantes da cultura portuguesa. Nesse sentido, para Miguel Amado, foi mais solitário a chegar onde chegou.

2 Alguma vez, no seu percurso profissional, sentiu que o facto de ser português foi um obstáculo?

Nunca senti que fosse um obstáculo. A não ser em Portugal.

3 Após o MoMA, qual será o próximo desafio?

O meu contrato é de três anos, renováveis, não faço ideia qual será o próximo passo. Felizmente este é daqueles lugares que podem ser uma plataforma para outros voos. Mas a minha ideia é construir uma carreira dentro do museu. É uma instituição que tem um código genético fantástico para explorar e que pode voltar a dar muitas cartas na arquitetura contemporânea, em termos de afirmação de tendências.

gou onde nenhum outro curador de arte português chegara: ao primeiro mundo dos museus, na britânica Tate Gallery.

“Em Portugal, a infraestrutura institucional é fraca: não há um evento, uma feira ou uma revista significativos, os colecionadores, museus e curadores com projeção além-fronteiras são poucos e com trajetórias fragmentadas. A minha carreira depende exclusivamente de mim. Não há nada à minha volta que me potencie, beneficie, auxilie. Quando avaliado, um curador português vale por si e nada mais”, explica por e-mail do seu apartamento em Nova Iorque, cidade onde vai periodicamente “retemperar o espírito”.

Miguel construiu uma disciplina férrea para atingir os seus objetivos. Muito estudo, muito trabalho,

sem direito a folgas ou a descuidos. De tal forma que optou por penalizar a vida pessoal ao ponto de viver na Cornualha enquanto a mulher, bióloga, vive em Nova Iorque. A separação do casal aconteceu porque, diariamente, ele consultava sítios na Internet com oportunidades de emprego na área e, quando surgiu uma oferta para o cargo de curador de arte do polo de St. Ives da Tate Gallery, não hesitou. Enviou o currículo e passou pelo apertado processo de seleção.

Até lá chegar, pintou paredes e ajudou os carpinteiros nos encontros de Fotografia de Coimbra, quando tinha 18 anos e estudava Sociologia. Fez visitas guiadas à Fundação Gulbenkian e oferecia-se para trabalhar como voluntário em exposições. Mas percebeu que para dar o salto teria de partir. Foi estudar para o Royal College of Arts, em Londres e, desde então, comissariou exposições no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, no Museu Berardo. Sem deixar de colaborar com a respeitada revista internacional “ArtForum”. O seu nome foi notado depois de ter sido escolhido para comissariar a coleção da Fundação PLMJ, associada a um dos mais importantes escritórios de advocacia portugueses.

Assumiu o risco de não trabalhar com galerias privadas. “Não quero limites intelectuais ou dependências. Sei que este é um caminho mais estreito”, afirma. Este percurso levou-o à sua morada atual: uma antiga casa de pescador, semicave de traça vitoriana com um terraço nas traseiras. Miguel vê o mar e deixa-se envolver pelo nevoeiro da Cornualha.

A aventura na terra dos piratas ficou consumada quando o comunicado emitido pelo diretor artístico da Tate St. Ives na altura da contratação sublinhou as características de Miguel: “Tem um conhecimento muito rico na área da arte



ARQUITETURA
IRÁ TRABALHAR
O PROGRAMA
JOVENS ARQUITETOS.
“CONSTRUIR
REDES É O QUE MAIS
MÉ ESTIMULA”



contemporânea internacional e já trabalhou com muitas das mais interessantes e estimulantes organizações de arte na Europa e nos Estados Unidos. O conhecimento que tem sobre artistas emergentes vai ser um grande benefício para a Tate". Não foi indiferente o facto de falar português, língua de mercados como o Brasil ou Angola.

As três unidades da Tate recebem em média sete milhões de visitantes. A cidade, de 500 mil habitantes, quase não tem vida social. Todas as semanas o curador frequenta o cineclube da região, vai aos concertos de música na igreja e não perde a feira de produtos típicos. Procura não se afastar muito de Londres e, sempre que pode, escapa-se para Nova Iorque.

No seu percurso houve uma tentativa de entrar no seletor mundo do MoMA, como comissário-assistente. "A candidata seleccionada era alemã e o curador-chefe do departamento também. Já tinham trabalhado juntos. Parece-me óbvio que, além das competências equiparáveis (embora considere que a minha formação e experiência eram superiores), a dimensão pessoal contribuiu para a decisão", explica. Vai continuar a bater à porta dos concursos internacionais? "Voltarei a candidatar-me a lugares em museus caso haja oportunidade e seja conciliável com a minha vida pessoal", afirma. Está a chegar a altura de começar a colocar condições.

Mais próximo das questões sociais do que da estética, para Miguel essencial é a compreensão dos fenómenos que afligem e conformam a sociedade contemporânea. Sabe que na sua área, a abertura de horizontes e o cosmopolitismo são essenciais e está preparado para reforçar as suas capacidades. A formação académica é, por isso, uma prioridade.

Para alimentar esta radicalidade de pensamento e renovar a frescu-

ra do olhar, determinante para qualquer curador, continua a visitar o maior número de exposições, promovidas por museus ou organizadas por espaços alternativos. Não perde bienais e feiras e está atento às publicações especializadas. Sem deixar de "assistir a conferências e eventos onde o pensamento se forma e dissemina".

Está a tentar convencer a sua hierarquia a seguir-lhe o faro social: "Estou a propor uma exposição coletiva que aborde temas locais com ressonância global e que parta de identidades históricas da Cornualha, ligadas a uma língua nativa, movimentos operários e processos autonómicos. Mas não sei se será aceite, pois é um tema que escapa à linha programática dominante". Ficamos à espera. ●

asoromenho@expresso.imprensa.pt



Três perguntas a Miguel Amado

1 Um curador português num museu internacional pode fazer diferença?

Para organizações com a escala da Tate, que operam a nível global, a nacionalidade dos curadores é pouco relevante. A Tate interessa formação, experiência e conhecimento. Assim, ser português não teve influência na minha contratação. O que importou foram os meus estudos no Royal College of Art, a minha estada em Nova Iorque, composta por residências curatoriais e associações profissionais a museus e galerias do sector público. E as várias atividades mantidas em Portugal e no estrangeiro, que solidificaram a capacidade de resposta e potenciaram o cosmopolitismo do meu percurso internacional.

2 Alguma vez, no seu percurso profissional, sentiu que o facto de ser português foi um obstáculo?

Nunca senti que fosse um obstáculo, mas sinto diariamente que é uma desvantagem. No plano da arte, a nível global, Portugal pura e simplesmente não existe. Tanto antes como durante o século XX, não há um artista ou movimento artístico português que mereça mais do que uma nota de rodapé em qualquer livro de história.

3 Após a Tate St. Ives, qual será o próximo desafio?

Na minha mente está a realização de mais estudos pós-graduados que reflitam os meus interesses em teoria crítica. Pode ser que o próximo desafio passe por este lado académico...

ARTE EM JANEIRO

É INAUGURADA A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO ORGANIZADA POR MIGUEL NA TATE ST. IVES, COM UM ARTISTA JAPONÊS E ORÇAMENTO DE 125 MIL EUROS





O GÊNIO PORTUGUÊS

Como Pedro
Gadanho e
Miguel Amado
se tornaram
curadores do
MoMA e da
Tate Gallery